

Esboço de um Retrato (Teca)

Aderbal Sales

Ela é bem jovem ainda, de aparência delicada, esbelta de corpo e no conjunto harmonioso do seu rosto perfeito, a boca, os lábios bem delineados e os olhos claros e expressivos já lhe fixaram a expressão física mais ou menos definitiva que os anos, de certo, pouco modificarão.

Apesar da idade, quinze anos apenas, vai surgindo para a vida com o encanto natural do desabrochar de uma flor.

Psicologicamente, mais introspectiva do que extrovertida, tem uma personalidade que se entremostra inconscientemente possessiva, com tendência mal velada de querer dominar.

Um pouco reservada, mas categórica nas suas afirmações, como se quisesse impor a sua vontade, idéias, pensamentos e ações, é amável, simpática, cheia de vida, de presença alegre, sempre agradável, espírito lúcido e vivaz, adolescentemente encantadora, apesar de ser um pouco egóica.

A impressão que deixa, naqueles que a observam e admiram sem demonstrar, é de moralmente bem formada, com fácil expressão verbal, fluente na conversação e no diálogo.

Sincera, não tergiversa para exprimir a sua opinião, contanto que não melindre a quem a contesta e com quem não esteja de acordo.

Não cria evasivas ou dúvidas em outros que permitam interpretações irônicas, maliciosas ou errôneas.

É o que caracteriza a sua personalidade psicofísica em formação de adolescente em flor.

Está nessa fase de transição, entre a puberdade e a adolescência, idade ingrata, ingênua e sentimental, geralmente insegura e curiosa, cheia de temores, dúvidas e apreensões, quando a mulher ainda menina e moça mais precisa de carinho e amor, sobretudo da mãe que melhor a compreende

por intuição, instinto feminino e sensibilidade, sem esquecer, no entanto, o apoio moral do pai sempre indispensável para que ambos de comum acordo possam ampará-la e protegê-la, dando-lhe esse sentido de segurança de que tanto necessita e só encontra no lar, — o crisol — onde começam a se plasmar desde a puerícia os seus sentimentos mais puros, a compreensão do respeito aos que a cercam, a obediência filial, misto de admiração, afeição e amor, a sua conduta e o seu caráter, enfim, a sua personalidade que irá projetá-la e afirmá-la na sua vida particular e socialmente.

Aparentemente, tímida, egocêntrica, revela a força modeladora e plástica de sua educação de filha única, insatisfeita, exigente, abrangente e possessiva, com todos os seus defeitos e virtudes, mais virtudes do que defeitos, que propriamente não os tem e tanto a fazem estimada daqueles com quem convive com mais frequência, pela naturalidade inerente ao seu espontâneo poder de graça e sedução.

Nascida e criada num ambiente de família aparentemente bem constituída, quase sempre só, sem irmãs e amigas mais íntimas, apesar de muito querida e bem amada, sente muitas vezes o tédio do conforto farto que a enerva, deixando mais vazia a sua solidão.

E na prisão dourada de um palácio encantado, que paradoxalmente não a encanta na grandeza do seu silêncio, sensível e sonhadora, martiriza-se e sofre, à procura de algo que não encontra dentro do mundo colorido em que vive, a não ser na riqueza de sua imaginação criadora de fantasia, de sonhos, desejos e ilusões.

E através de sua poesia que é uma forma de sublimação, plena de sensibilidade e sentimento, em segredo externa e confia tudo que sente, na busca vã do que almeja e por não encontrar não compreende a razão de ser de sua inquietude em que transparece a sua angústia que é quase desespero quando escreve:

AMAR

“do que adianta viver,
se não tem ninguém para amar,
do que adianta enriquecer,
se o dinheiro não sabe usar,
do que adianta nascer,
do que adianta estudar,
se não tem o que aprender,
para poder amar?”

Esse pessimismo amargo, às vezes, inconstante, quase sempre, logo desaparece, para concluir:

“o amor é puro,
verdadeiro para quem sabe amar,
às vezes, um tanto inseguro,
mas, espontâneo e sincero,
na hora de demonstrar.”

É lírica, romântica, sensorial, precocemente enamorada da paisagem humana da vida, que tanta sugestão e curiosidade desperta no seu ser, quando se extroverte e confessa na exaltação dos seus sentimentos, embora com certa dúvida e desencanto o seu amor:

É PRECISO . . .

É preciso ter você aqui,
bem perto de mim,
para ser inteiramente minha.
É preciso que sinta o teu amor,
o qual suponho ter adormecido,
pois, sem esse amor não me considero viva.
É preciso que o tempo volte,
para que aqueles momentos felizes,
surjam, novamente.
É preciso ter o teu amor,
profundo e sincero,
para nunca me sentir sozinha.
É preciso começar de novo,
o que está sendo esquecido,
reviver os nossos sonhos antigos,
e as nossas ilusões que ainda não morreram.
É preciso te olhar sem receio, bem de perto,
nos teus olhos agora frios, indiferentes,
na ânsia de encontrar um meio de te acordar,
para que compreendas que pertences ao meu mundo,
e mesmo sem esperança,
estou sempre a te esperar.
É preciso sentir o calor do teu corpo,
queimando como fogo,
enquanto murmuro em teu ouvido,
quase em segredo, o meu amor.
E termina:
“Tudo aconteceu tão de repente,
sem eu mesma sentir,
que por mais que procure relembrar,
não encontro razão para explicar,
o motivo de te amar.”

Ela tem tudo que a vida pode lhe oferecer, um lar “num berço de ouro”, e intrinsecamente pessoal, somente seu, juventude, inteligência, sensibilidade, beleza, imaginação, que o seu espírito transmite em versos na ilusão dos seus sonhos:

“como é bom amar e ser amada,
se de alguém se gosta,
e de quem se faz lembrada,
sem receio de nunca ser esquecida.”

São assim os seus versos, belos, espontâneos, sinceros apaixonados, revelando os sentimentos mais íntimos de sua alma e do seu coração, não raramente, na ingenuidade de um sentimentalismo platônico de pré-adolescência que sonha e confia demais no amor.

... O ser físico deve sempre estar em harmonia com o ser emocional ou psíquico, na formação desse binômio corpo e alma, o qual para atingir emocionalmente o seu equilíbrio interior na sua verdadeira e integral comunhão tem de ser uno, homogêneo, indiviso.

É no recesso oculto da alma ou no ID, o “inconsciente dinâmico” de Freud, que estão sepultados, reprimidos e recalçados, todos os traumas, frustrações, problemas e conflitos do ser anímico e só revelando-os, exumados do seu cárcere recôndito e profundo, se encontrará o roteiro luminoso e ideal, dificilmente entrevisto, para a felicidade de uma existência a renascer pelo conhecimento da verdade de si mesma.

Mas, na impossibilidade de encontrar esse “centro existencial” obscuro e abstrato, a fim de se libertar de sua ansiedade e de sua angústia, num reencontro consigo mesma, para ser feliz, perde-se indecisa e amargurada, entre o sonho e a realidade, o ser e o não ser, criando o seu próprio sofrimento, que é apenas um estado de espírito vivencial e emotivo, momentâneo e transitório, impreciso, vago, indefinido.

O que está escrito superficialmente no esboço deste retrato é apenas uma tentativa para fixar em cores mais vivas, a fim de que perdurem por mais tempo, com os versos aqui transcritos, recordações e saudades que ficaram e ainda não esmaeceram de todo, permanecendo não, propriamente, pela imagem do quadro em si, mas pelo espírito e a inteligência de quem lhe deu alma e vida com a sua sensibilidade e imaginação, criando, no seu mais belo e puro sentido espiritual, esse estranho paradoxo de um sentimento imortal dentro de uma vida mortal.

A vida, no entanto, é o efêmero na eternidade.